

Corpo: Exercícios poéticos de si

Maria dos Remédios de Brito¹

ORCID: 0000-0002-0478-5285

Dhemersson Warly Santos Costa²

ORCID: 0000-0002-1412-9142

Resumo: Há uma aposta nas travessias poéticas para pensar modos de criar e inventar a si mesmo, pois em um corpo nunca se chega em sua integralidade. A digressão perpassa pelo corpo atravessado pelos órgãos e por suas (des)organizações, enfrentamentos com a memória, com o que não podendo ser falado, mas experimentado por meio de três exercícios poéticos: da escrita, do desenho e da colagem. Não se trata de pensar em cura, mas em um trabalho diário do corpo para consigo mesmo, que remete a escuta de si em suas variações, pois a arte abre a carne e o corpo se intensifica em sentidos e em vidas. A arte como uma espécie de clínica poética, por meios dos seus gestos criadores, o corpo do artista de refaz, diz de outro jeito, sim, a arte passa pelas entranhas do criador, embora não fique nela.

94

Palavras-chave: Corpo. Exercícios poéticos. Desenho. Escrita.

¹ Professora da Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Filosofia, atua nos programas de Pós-graduação em Filosofia e Arte da mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6896268801860211>.

² Doutorando em Educação em Ciências e Matemáticas. Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (2019). Graduado em licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (2016) campus de Altamira-PA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8840721380992544>.

Body: Poetic exercises of the self

Abstract: There is a bet on poetic crossings to think about ways of creating and inventing oneself, because a body never reaches its integrality. The digression runs through the body crossed by the organs and their (dis) organizations, confrontations with memory, with which it cannot be spoken, but experienced through three poetic exercises: writing, drawing and collage. It is not a question of thinking about healing, but of a daily work of the body towards itself, which refers to listening to itself in its variations, as art opens the flesh and the body intensifies itself in senses and in lives. Art as a kind of poetic clinic, by means of its creative gestures, the artist's body remakes it, says it in another way, yes, art passes through the entrails of the creator, although it does not remain in it.

95

Keywords: Body. Poetic exercises. Drawing. Writing.

Cuerpo: Ejercicios poéticos del yo

Resumen: Hay una apuesta por los cruces poéticos para pensar formas de crearse e inventarse, porque en un cuerpo nunca se llega en su totalidad. La digresión recorre el cuerpo atravesado por los órganos y sus (des)organizaciones, enfrentamientos con la memoria, con lo que no se puede decir, pero se experimenta a través de tres ejercicios poéticos: la escritura, el dibujo y el collage. No se trata de pensar en curar, sino en un trabajo cotidiano del cuerpo hacia sí mismo, que se refiere a escucharse a sí mismo en sus variaciones, pues el arte abre la carne y el cuerpo se intensifica en sentidos y vidas. El arte como una especie de clínica poética, a través de sus gestos creativos, el cuerpo del artista se rehace a sí mismo, dicho de otro modo, sí, el arte pasa por las entrañas del creador, aunque no se queda ahí.

96

Palabras clave: Cuerpo. Ejercicios poéticos. Diseño. Escribiendo.

O que pode um corpo?

O corpo é uma problemática que atravessa o pensamento da tradição, ora afastando-os, ora reunindo-os em torno da questão central: *O que pode um corpo?* A história filosófica perspectiva o homem por uma lente idealista que dicotomiza corpo e mente, valorando a alma em detrimento da carne. A alma como instância superior, um guia para o corpo sensível deformado. O corpo como mero instrumento de aperfeiçoamento, habitat da alma, uma massa disforme, desprezível, mundana, perecível. Toda essa racionalidade é maquinada não apenas no mundo físico, mas também moral, arrastando o corpo para sua miserabilidade, dilacerando-o, expondo suas vísceras, suas culpas, suas vergonhas. Por que odiamos tanto o nosso corpo? Por que desprezamos tanto nossa existência, nossa animalidade? Por que buscamos tanto uma razão em outro mundo se o nosso corpo é essa grande razão? Para desfazer essa leitura, outros modos vitais devem ser criados e para isso é preciso uma travessia de volta ao corpo, retornar à carne, à nossa animalidade. É vital descer das alturas celestiais, do mundo das ideias, retornar à Terra, ao mundo do sensível, é o nosso desafio, somos animais terrenos e pertencemos a este mundo, façamos, então, do corpo nossa linha mestra, como aconselha Nietzsche (1990, p. 142) “tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial”... Façamos do corpo nosso horizonte, nosso leme, nosso grito de guerra, deixemos nosso corpo navegar por entre corpos, afinal, somos corpos entre corpos catalisando e disparando afetos a cada novo porto, a cada novo encontro. Somos corpos, somos jogos de forças em combate, por isso, somos corpos plásticos, instáveis, móveis e mutáveis... São estas forças intensivas que nos definem, nos modelam, nos dobram, desdobram e redobram.

O corpo é uma travessia singular que se define pela sua capacidade de afetar e ser afetado. Somos corpos particulados, compostos de camadas, de linhas, algumas mais rígidas, outras maleáveis, fluídas. Com isso, o corpo é afetado em diferentes intensidades, por múltiplas porções de alegria e de tristeza. Por essa razão, não se sabe ao certo o que pode um corpo, não se sabe em que medida um corpo pode ser afetado... Lembra Deleuze (2014, p. 147) “a estrutura de um corpo é a composição de sua relação. O que pode um corpo é a natureza e os limites do seu poder de ser afetado”. Esse corpo, portanto, se compõe e decompõe, arranjando e desarranjando outros corpos conforme a potência dos encontros.

Diante dessas perspectivas, o corpo não é uma matéria amorfa, não se transita sozinho pelo mundo, existe sempre outra força, outro corpo (ainda que não

humano), um encontro ainda por vir. Quando um corpo encontra outro, e se deixa ser afetado por suas potências, uma atmosfera é criada. Os encontros maquinam linhas de desejo que afetam e transformam os corpos, colocam-nos em variações contínuas. Já não se é mais um Eu significante, antes, estamos nos tornando aquilo que nos afeta, aquilo que nos alimenta. O corpo, para retomar Nietzsche (2009) e a metáfora da digestão, funciona como um estômago gigante que se alimenta de encontros, digerimos aquilo que nos afeta, que nos movimenta e excretamos o resto. O corpo, por essas linhas, se nutre de outros corpos para conservá-lo e expandi-lo, ele se desloca, se divide, se multiplica e se espalha no território.

No encontro entre dois corpos, entre a terra, a água e a semente, florescem afetos, forças que dão passagem a alegria e a tristeza, isto mesmo, os encontros tristes fazem parte da vida, há também afeto na tristeza, um aprendizado. É importante ter em mente que encontros nos atravessam a todo tempo, há sempre um encontro a cada esquina dobrada, a cada música tocada, a cada página de livro folheada, a cada leitura feita, a cada poema escrito, a cada traço feito. “Mil encontros tu terás!”, porém nem todos são potentes para nos afetar, estilhaçar ou embaralhar. Tudo é uma questão de intensidade. Entre um encontro e outro, um corpo e outro, estão os signos e suas potências para violentar o pensamento e o corpo.

Distinguem-se, na esteira de Deleuze (2014) dois tipos de encontro: intensivos e extensivos. Os extensivos são de natureza rotineira, poderíamos inclusive dizer que eles congestionam a vida. Os encontros intensivos, por outro lado, são fertilizados por uma força inexplicável que nos violenta, arrastando o corpo para o deserto, inclusive nos levando a ter outros encontros. Não se sabe a ordem dos encontros intensivos, o que se sabe é que eles violentam o pensamento em prol de uma vida mais sensível. Os corpos desejam o encontro intensivo, a mistura, a alteridade. Toda criação nasce de um encontro, não é possível fugir deles, nem sair ilesos. O encontro entre dois corpos é pura intensidade. Os encontros são esses canais de vazamento que colocam em perspectiva as potências criativas de um corpo sem fundo, um corpo de intensidades. Um corpo estilhaçado, borrado nas fronteiras em contanto com o sensível, com os afetos. Um encontro é atravessado por uma multiplicidade sem a certeza dos seus efeitos, afinal não sabemos o que pode um corpo, nem as forças que o mobilizam, é preciso experimentar. O traço marcante dos encontros é a surpresa, não decidimos efetivamente o que irá nos afetar, os encontros são de outra natureza, da ordem do acaso, do involuntário – e, é

bom que assim o seja, há sempre uma força inesperada que nos ricocheteia o corpo, uma força que está além dos domínios das nossas mãos, da nossa racionalidade, dos nossos sentimentos.... Uma força que rasga a superfície do corpo, abrindo-o para uma vida mais digna, alegre, criadora. Não há como sair de um encontro intensivo sem ser afetado, sem que algo mude em sua composição, sem que as suas moléculas entrem em variações contínuas.

Deleuze, inspirado em Nietzsche e Espinosa, problematiza o corpo dentro de uma organicidade, pois este atravessa todo um campo social produzindo e sendo produzido pelos encontros. Um corpo plástico e resistente que não se subjugava à maquinaria social com suas normas e leis de julgamento, um corpo-fluxo, corpo-corte, corpo-processo, corpo-movimento, corpo em funcionamento, em produção, um corpo que é desorganizado, desarranjado. Deleuze, igualmente, alerta que não se sabe ao certo o que pode um corpo - por isso é preciso experimentar - e nos coloca, juntamente com Guattari (2012), o desafio ético: como criar para si um Corpo sem Órgãos? E podemos pensar um desafio clínico poético, pois se não se chega efetivamente em um corpo sem órgãos, ao menos sendo necessário fabricá-lo cotidianamente, desfazer as segmentaridades duras, raspar os estrados do ressentimento, da culpa, do castigo, as violências impostas, da miséria naturalizada.

O Corpo sem Órgãos é uma paisagem, um corpo sem imagem, destituído de rosto, desorganizado, uma declaração de guerra ao organismo, à função e à estrutura. O Corpo sem Órgãos se assemelha ao corpo da criança recém-nascida, um corpo vitalista em expansão de forças, cuja forma não é fixa, um corpo que ainda não conhece as regras, os limites, os segredos, o que há são blocos de intensidades. No Corpo sem Órgãos a interpretação dá lugar à experimentação, não é possível pensá-lo distante da experimentação, nele as intensidades circulam, vibram e desarranjam os corpos. Um estado de arte o atravessa, o faz vibrar.

É com este corpo terreno, mundano, frágil e perecível que sentimos o mundo, ao mesmo tempo que o produzimos e somos produzidos por ele, por isso esse corpo é plástico, é potência de criação, construído e reconstruído a cada travessia, inventando a si mesmo diante de um encontro. Inventar para si um corpo é um exercício de enfrentamento, mas também é um trabalho diário de cuidado de si, de escuta, de autoria do próprio corpo singular. O que isso tem a dialogar com a arte, esse campo criador do sensível? O artista é aquele que faz uso do seu corpo-vivo, impressionante, o corpo vem sempre primeiro, muito antes da

consciência. A obra passa pelo vivido no vivível, abrindo o (in)sensível ao sensível, o (in)visível ao visível, o (in)pensável ao pensável...Com isso, o corpo do artista é essa casa, essa abertura também para outras formas de vida.

Inventar para si um corpo

O homem, esse animal estranho, animal confuso, incerto, segue tateando o mundo, segue de lado, de frente, de costas, animal cheio de medos, de angústias; animal que se veste de tantas cores, multicolor; animal que se pergunta, que sente desespero e carrega em si uma inquietude demasiadamente humana. Desumanizar um pouco, talvez, para elaborar outras perguntas, sentir outras vidas em seu corpo, esse que ainda pouco se sabe.... É uma luta para dar forma a esse corpo humano, uma luta diária de embates e comandos. Dar forma à própria vida, moldá-la, converter-se em fonte de alguma coisa, presenciar um modo, inventar para si um estilo, de modo que o corpo possa ser ele mesmo um fazer em obra. Ser autor do próprio corpo, tornando-o existencial, experimental, produzir com ele e nele uma espécie de cena, transmutá-lo, mesmo tomando para si todos os preços do mundo. Isso tudo perpassa por aquilo que Nietzsche poderia chamar de uma “segunda” natureza, essa que seria primordial para que se tome posse da “primeira” natureza. Tarefa nada fácil (BRITO, 2015).

Então, um corpo deve encarnar a vida, assenhorear-se dela, fazendo do pensamento um ato de intensidade para que o pensador, em sua automodelação/transfiguração, saiba de algum modo que habita em suas entranhas um quase estranho, mas o estranho pode e deve passar por uma escuta amorosa diante das multiplicidades de vozes que atravessam as forças de seus corpos e de seus encontros. Não é fácil produzir uma administração sobre si mesmo, não é fácil orquestrar a potência que dele emana. A tarefa do grande homem, aquele que deseja ser senhor de si mesmo, é configurar uma transformação de si ou, como diz Foucault (2010), um cuidado de si. Nada disso tem ligação com um individualismo, mas sim com um processo lento de trabalho para forjar uma singularidade, aquilo que é de mais particular em cada indivíduo.

Não se pode efetivamente dizer o que um corpo pode – no máximo, se pode experimentar esse corpo, fazê-lo escorregar entre as veias do mundo, desenraizá-lo das fontes segmentárias e dogmáticas, impor para si vitalidades. Experimentar o

corpo é desafiador e, inclusive, é perturbador quando não se sabe o que ele pode, se está de alguma forma sem o seu comando, ser estranho a si mesmo. É preciso certa prudência quando olhar o abismo, pois ele pode devorar esse observador; certa prudência nas aventuras humanas, pois o humano é ser que não se sabe quem é. Nada disso quer dizer não faça experiência, ao contrário, experimente a vida, mas não se deixe virar um farrapo humano, como alerta Deleuze (2012), pois não se sabe o que pode um corpo entre outros corpos. É duro criar para si um corpo, talvez, no corpo não se chegue, mas sempre será possível desenhar, rabiscar, polir a pedra, raspar o mármore, dar para si um determinado comando, certo estilo, mesmo que nunca esteja acabado ou dado por um fim. A arte, assim, pode nos ensinar. Os três exercícios poéticos que seguem não visam representar, mas apresentar uma vivência do corpo em traços poéticos.

O corpo em exercícios de si

Exercícios de experimentação inventiva do corpo pela escrita.... Quando tudo dói, o corpo vai inventando sintomas para viver, para nascer.... São cartas colhidas em momentos duros que exige do corpo uma aposta da vida.... Coletar sensações por entre linhas e palavras faz com que o corpo grite: Eu ainda existo e persisto! Eu tento, eu vou! Inventar um corpo é um caso de exercício, de tentativas.... Nunca se sabe se nele seria possível chegar.

...CARTA RIO-MAR...

Quantos sons tem o Rio-Mar? Creio que vários! No meu Rio-Mar tem um som que gosto de cultivar. O som nauseante... O meu Rio-Mar tem náusea, umas das afecções mais terrível do humano. Alguma coisa da ordem do paradoxo, pois esse sentimento parece ser contra o desejo, ponto fundamental para a produção. No entanto, o apetite não deixou de cessar em mim. Essa doença do mar causada pelo balanço da embarcação, esse enjoo, essa sensação desagradável, experimentada no interior do corpo, por vezes, vem seguida de vômito, não é nada belo e nem poético, ao contrário, destaca a decomposição, a decadência do corpo, pois o mesmo parece sentir alguma coisa da ordem do insuportável, alguma coisa atravessa o corpo que não pode perdurar na carne e nem nos sentidos. Uma experiência que invade o corpo e o torna precário. Similar a tal decadência são as alergias corporais, as secreções, as fezes, as feridas, aparições que entram no corpo adoecido por dores psíquicas e outras enfermidades... Aparições nada belas! Coisas feias! Se for pensar na nossa sociedade atual muitas dessas dores não podem ser visíveis e nem relatadas. Ora, a náusea aqui colocada, vem na esteira de Nietzsche, é um saber dizer não, contudo, há uma operação em paradoxo, uma violência apresentada quando não se suporta mais, uma incapacidade de falar, de olhar o mundo, de refletir... Uma sensação que percorre os órgãos corporais apontando o que não pode permanecer, como um comportamento, um fazer, um gesto, uma fala, um crime, uma posição política, uma traição, uma mentira, uma falta. O nojo atravessa a experiência. O estado nauseante é aquilo que não pode mais permanecer perto, mas também pode ser uma espécie de atitude estética acerca da decomposição. É um sentimento do antialimento, do antigosto, da convalescença, contudo, me parece que não é um simples negar, na medida em que o nauseante não permite digerir o insuportável. Há, portanto, uma radicalidade neste estado, o que não pode ser engolido deve ser vomitado. Pode sair, por exemplo, processos poéticos nesse aparente estado de declínio? Que poderes podem atravessar o estado nauseante do corpo? Que desejo pode emergir do nojo? Que estética pode ser criada? Que corpo pode se experimentado?

...SOU UM CORAÇÃO BATENDO...

É apenas um pequeno retrato, um minúsculo retrato, talvez um ponto, o menor possível, alguma coisa mole, frágil, redonda, líquida, configurava uma espécie de imagem arredondada, aparentemente mole, sem nitidez formal. Entre claro, escuro, imagem borrada, acompanhava uma interioridade, uma profundidade, como se estivesse em uma caverna, em uma cuba, precisamente, encontrei um nome: ovo.

Tudo que sei dessa imagem mole, frágil, é que não sei nada, mas ao mesmo tempo parece que sei, que tenho algo a dizer, mas não do em si da imagem, mas do que atravessou a imagem.... Ela pulsou! Tudo que permite narrar de sua existência está ligeiramente amarrada, colocada, grudada em mim.... Uma necessidade de dá-lhe vida, uma narrativa, quem sabe.... Mas, essa vida dada pela escrita não é.

Onde está sua visualidade? Manchada no meu corpo, pertencente aos riscos da memória, linha traçada é tatuada no meu sangue. Essa presença é um pequeno feixe de luz, branda, pálida imagem viva de uma potência geradora.... Ela só existe porque eu ainda existo, assim suponho. A minha possível alegria, ao retratar o que efetivamente não sei quem foi, quem seria, ou se seria alguma coisa, é que eu a senti.... Senti, senti uma virtual efetuação.... Como existir, mas ao mesmo tempo ser um virtual? Eis o aparente paradoxo. O que é sentir esse menor possível? Esse mistério que foi sua presença? Essa presença já ausente...esse contar no tic tac do relógio por sua presença.... Eu nem sei quem era, veio, chegou até mim, não me pediu permissão...entrou.

Sua presença instaurou um efeito no corpo, nos seios, no sono, no cheiro ... essa presença misteriosa alterava um território, era tudo sutil, necessitando de uma dobra, uma outra dobra dentro da dobra, fora da dobra, uma dobradura da dobradura que poderia entrar em conexão com a própria dobra dessa dobra do ponto menor possível da dobra. Alguma coisa se mantinha em alerta!

Que voz é essa que nunca escutei em sua efetuação, mas que cheguei a ouvir? Que voz é essa que permanece sem história, mas que teve um mundo para si? Que voz é essa que reclamou uma permanência, se fez presente no momento que chegou e partiu?

Um rosto? Não vi, mas sei que posso criar, dizer vários rostos.... Isso, efetivamente não importa. Um rosto não importa mais do que uma marca, um risco bordado na pele... um pulsar rapidamente (bumbumbumbummmmmmbummm).... Esse coração só bateu no meu mundo. Que minhas mãos quiseram alisar sua cabeça...pois, foste um coração batendo dentro do meu...

RESSUSCITA-ME!

Ressuscita-me, antes que tudo morra.... Quem pode se permitir a tal tarefa descomunal? Dar vida ao outro quando a sua própria já está quase falida.... Seria pedir uma tarefa monstruosa, se fosse para alguém... Não! Esse pedido nunca poderia ser feito para o outro, esse pedido é para mim mesma, mas me encontro sem força, sem qualquer esperança possível, pois fui morta! Morta por saber do horror que abriga aquele que esteve mais próximo de mim.... Eu morri várias vezes, durante essa vida tive que morrer, mas ressuscitei outras, me arranquei pelos cabelos e fui. Só que essa morte, essa foi difícil de me levantar, acho que nem levantei! Eu não esperava, ela veio como um fantasma, sem me olhar, sem me avisar.... Mas confesso, fui eu que não quis olhar, todos os horrores já estavam ali, há muito tempo.... Eu nem desconfiei que eu já estava morta com a indiferença, com a porta do quarto fechada, com os silêncios no interior da casa, com os corpos separados na mesma cama, depois em quartos separados, com as despedidas a distância, com a falta de abraço, com a falta de carinho, com a falta de cuidado, com as ausências nos domingos, com os telefonemas às escondidas.... Com todas as mentiras.... Com a falta de amor, acima de tudo. O pior de tudo, que essa morte ainda está aí.... Na presença de amores servis.... Eu constatei, há em todos um charlatão. Eu mesmo sinto esse charlatanismo bem próximo de mim, na espreita... cuido para não deixar que me vença..., pois um charlatanismo vencido, dói...dói muito.

Corpo por traços, cores e linhas

Exercícios do corpo entre cores e linhas



Fig. 1. Maria dos Remédios de Brito (Remédios Brito), Convalescença, 2019. Desenho, 25,4x25,4 cm.



Fig. 2. Maria dos Remédios de Brito (Remédios Brito), Aurora, 2019. Desenho, 25,4 x 22,32 cm.



Fig. 3. Maria dos Remédios de Brito (Remédios Brito), *Corpo diluído*, 2019.
Desenho, 25,4 x 19,29 cm.

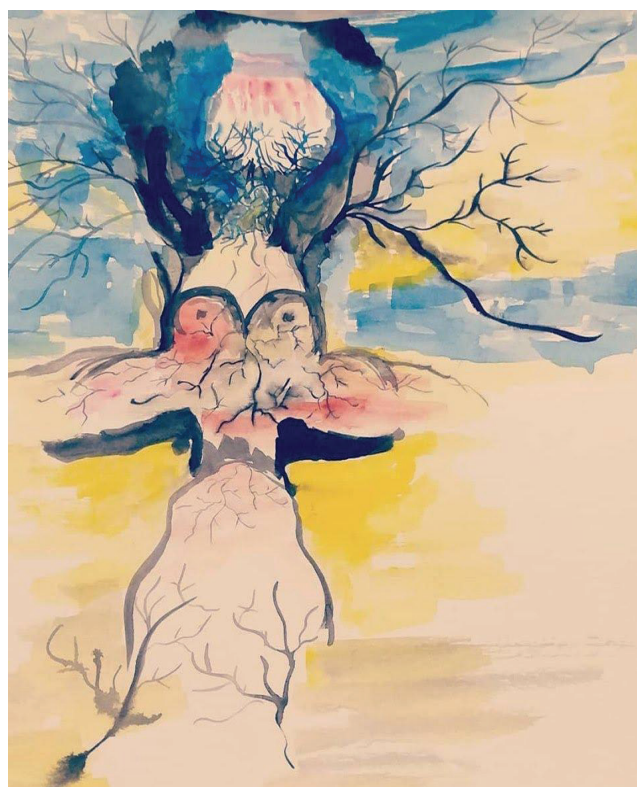


Fig. 4. Maria dos Remédios de Brito (Remédios Brito), *Alvorada mulher*, 2019.
Desenho, 25,4 x 25,4 cm.

Corpos des/cos/turados

Há no viver uma espécie de rasura, uma falta de jeito, uma fragilidade, uma falha, uma gagueira, um campo de ritmos dissonantes, o que se chamaria de estilo, um modo de estar no mundo, de criar vidas. Isso tudo não tem ligação nenhuma com a pessoa, mas com certas combinações. Cada corpo frágil carrega em si sua potência e sua força e seus desassossegos. Essa casca-raspa vital, frágil, não é debilidade, mas manifestações eventuais de outros modos de viver e de existir que convocam desorganizações dos órgãos, diante de um corpo que, algumas vezes, parece encouraçado, fechado diante da vida que não cessa de desterritorializar. Que variações são possíveis? Que conversações podem ser inventadas? Que experimentações outras podem ser criadas? Que improvisações esse corpo pode criar? Como escapar das trincheiras que representam sua forma? Ensaiai modos de existência é escapar da representatividade estruturante, das ideias de modelagens e produzir movimentos de atravessar o muro, rasgar o rosto, desfazer camadas de organismo e liberar sonoridades, ou certas marcas no coletar ziguezagueante e obstinado de um devir outro, possibilitando adentrar em outros mundos possíveis.

Não se sabe, efetivamente, o que pode o corpo. Resta-nos a aventura da experimentação. O corpo experimenta porque alguma coisa entra em estado de agitação, mesmo que seja silenciosamente. O corpo precisa sair, se configurar de outras formas, encontrar gestos, inventar palavras, produzir imagens, criar aberturas, acionar alianças com as crianças, com as cachoeiras, com os corpos dissonantes, com os vegetais, com as rochas, com as forças que habitam o fora. O corpo é uma composição de forças em constante estado de agitação, com isso um corpo vai sendo criado a cada novo encontro. Tudo isso nos faz pensar num corpo que sente esse suspirar da pele.

Um corpo é rasgado, estilhaçado, fragmentos de uma superfície de contato misturada com matérias vivas das linhas de costura, compõe-se de corpos animados, dínamos. Um corpo em (des)costura atravessa o deserto da vida entre corpos e desejos instigado pelo acontecimento vital. Um trabalho com o corpo, uma travessia, uma experimentação com agulhas, linhas e restos de órgãos. Nas fissuras do corpo, ali onde as linhas atravessam a matéria, habita uma vida e seus movimentos aberrantes que colocam em perspectiva a plasticidade dos corpos.

Inventar para si um corpo é a inspiração vital que atravessa um exercício poético de feitura imagéticas que vem com o desejo de problematizar outras

estéticas do corpo que não passam pela ordem do biológico, como perspectivado nos livros didáticos de Biologia, mas um corpo que se abre para a criação de vidas (im)possíveis. As feitura imagéticas são mobilizadas neste ensaio poético como uma espécie de grito, uma passagem para a experimentação do corpo. Não se pretende com esse exercício poético buscar uma verdade do corpo, uma vez que as feitura imagéticas são aberturas que dão passagem aos processos inventivos, rasgando e fissurando a imagem representacional de corpos produzidos em livros didáticos de ciências, costurando outras possibilidades de (r)existência, de inventar para si um corpo, um estilo, um traço, uma vida.

Uma travessia é iniciada. Entre palavras e imagens, corpos surgem, pedem espaço, gritam. Vou folheando páginas de livros didáticos de biologia, uma linguagem dos corpos é encenada. Corpos condenados à organicidade biológica, à identidade dos órgãos, à fixidez da vida, ao mesmo tempo, estes



corpos travam batalhas, pois o corpo é como uma cidade e nele acontecem enfrentamentos políticos, os órgãos reivindicam a fluidez dos desejos e declaram grito de guerra contra o organismo. Por essas veredas, pensar outras estéticas do corpo, uma política dos órgãos, inventar um corpo, ser autor de si mesmo é esforço mobilizado no ensaio poético: *Corpo em Costura*, *Corpo em Abertura*, o qual não vem como panaceia, mas como exercício de experimentação.

Fig. 5. Dhemersson Warly Santos Costa, *Corpo em Costura*, 2019. Técnica de colagem.

Um ensaio poético que nasce das rasuras de um livro de biologia. Os corpos foram recortados, os órgãos foram dilacerados. Esse corpo estilhaçado deseja novos arranjos, outras composições. Uma maquinaria do corpo entra em perspectiva. Subvertemos, aqui, o uso funcional das suturas cirúrgicas – técnica milenar que foi aprimorada pelas ciências médicas para costurar feridas, fechar o corpo e suas vísceras, impedir a entrada de invasores invisíveis – para pensar *um corpo em costura*, um ato criativo, uma possibilidade de fabular um outro corpo não biológico. A costura não vem para fechar o corpo, enclausurá-lo em sua unidade orgânica, mas para abrir o corpo a outras composições, *um corpo em abertura*, um corpo-obra em que cada um é um artesão de si e que se transmuta a cada travessia.

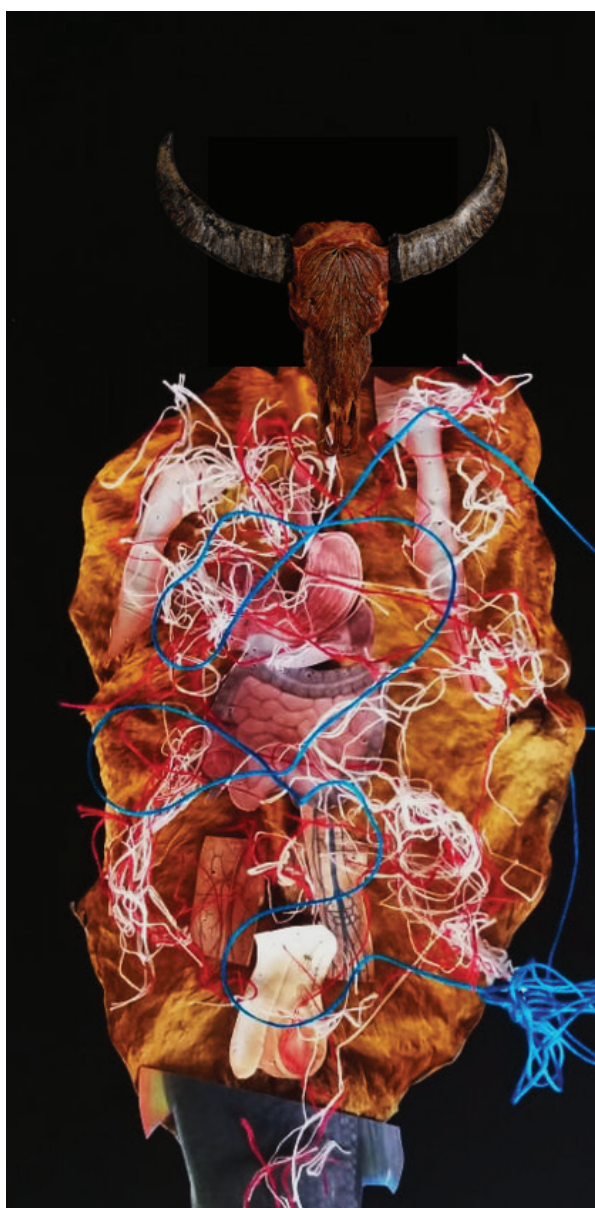


Fig. 6. Dhemersson Warly Santos Costa, *Corpo em Costura*, 2019.
Técnica de colagem.

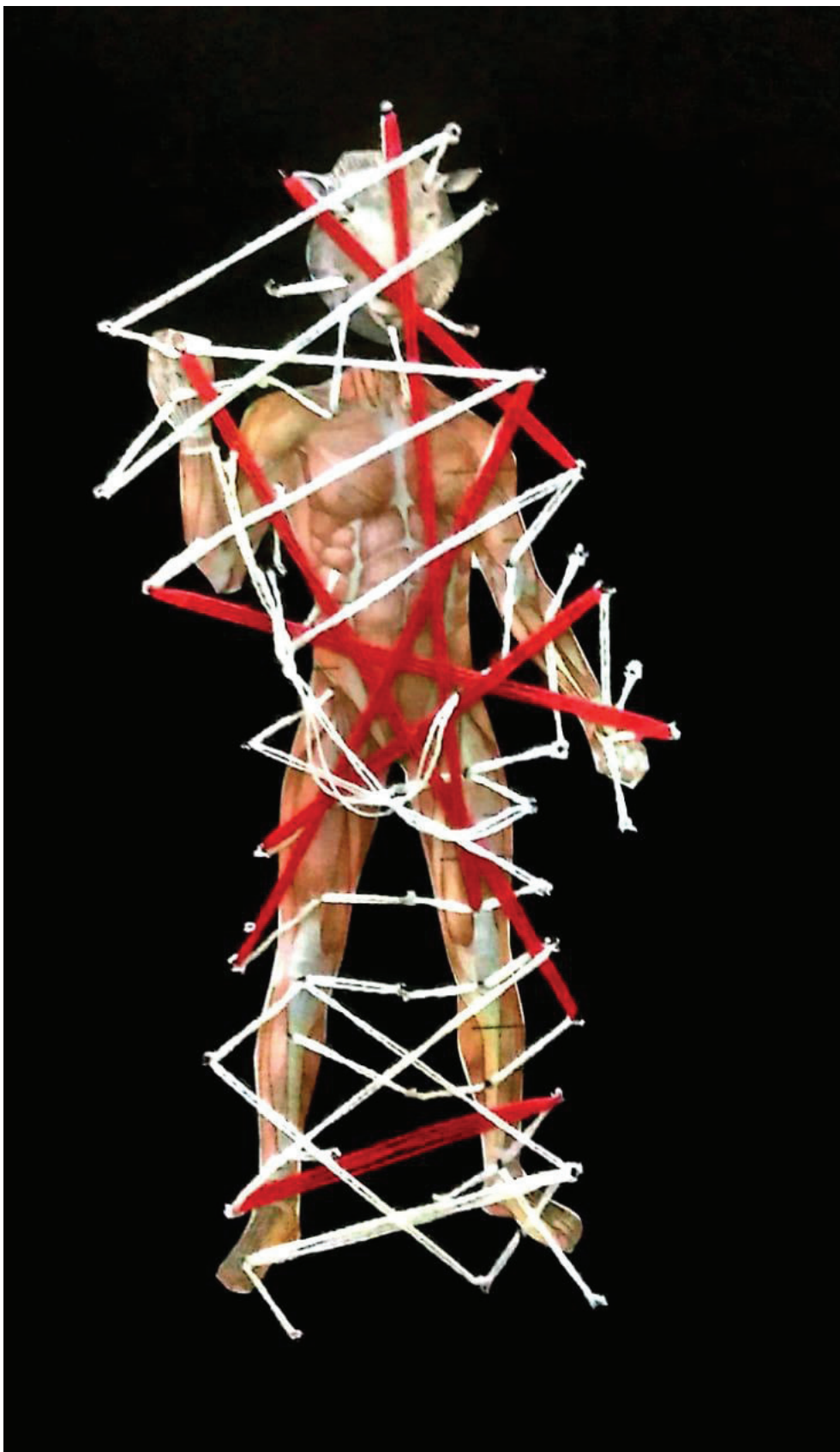


Fig. 7. Dhemersson Warly Santos Costa, *Corpo em Costura*, 2019.
Técnica de colagem.

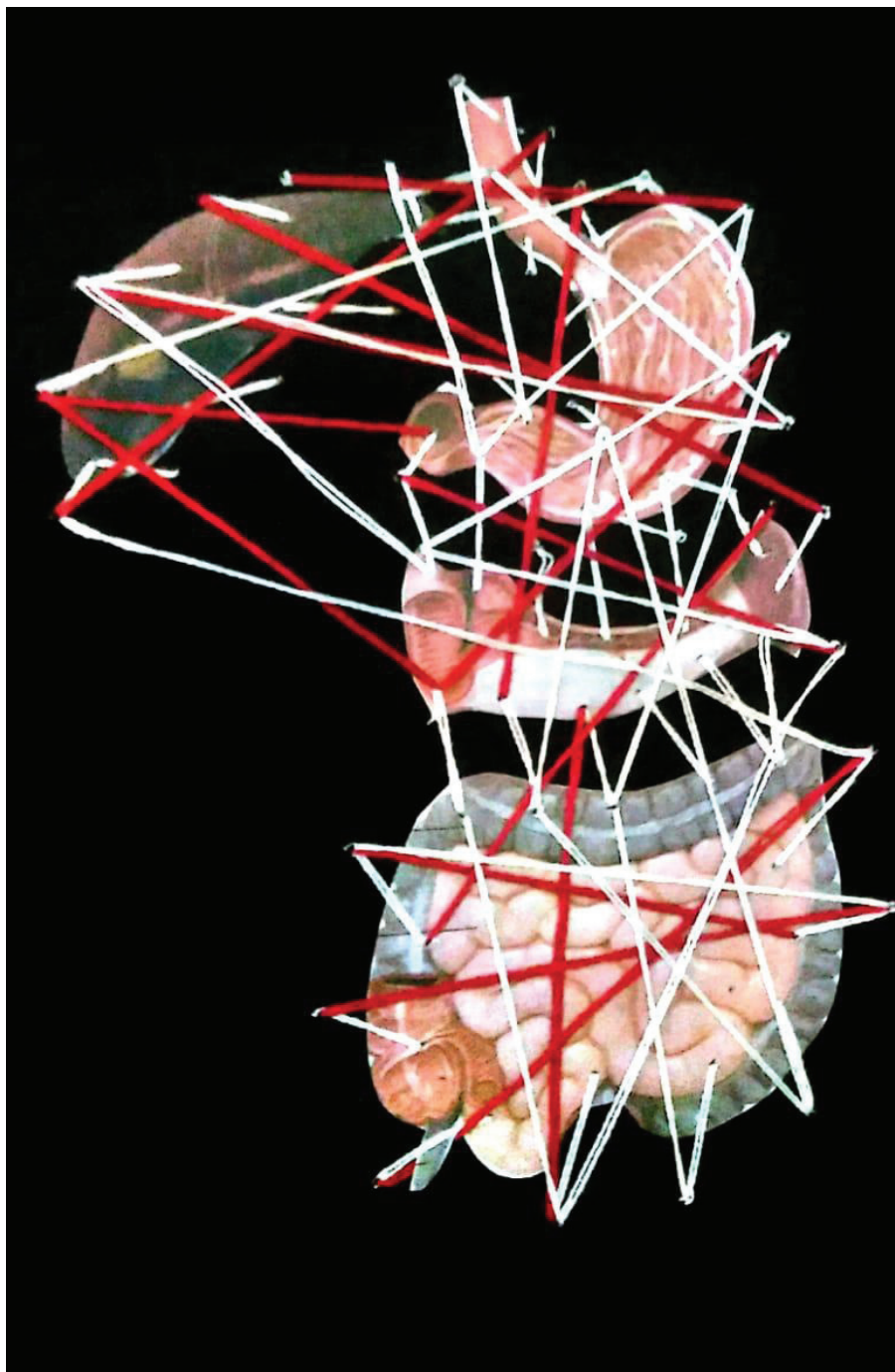


Fig. 8. Dhemersson Warly Santos Costa, *Corpo em Costura*, 2019.
Técnica de colagem.

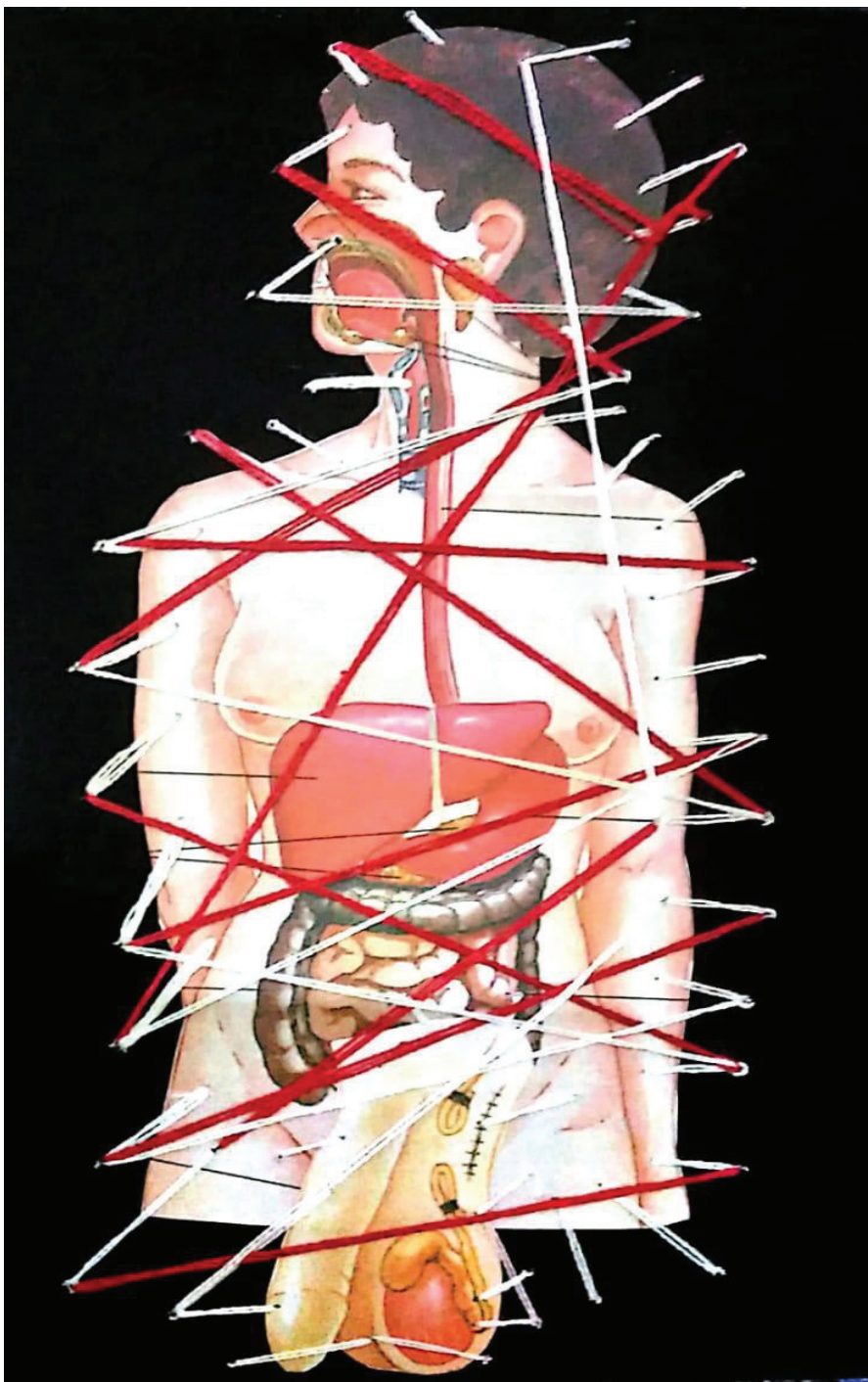


Fig. 9. Dhemersson Warly Santos Costa, *Corpo em Costura*, 2019. Técnica de colagem.

Travessias

Dois corpos que apostam na transformação de si pelo ato criador. Não se está falando em cura, mas em trabalho diário do corpo para consigo mesmo, trabalho que remete a escuta, a um diálogo com o corpo na sua maior profundidade. Há uma aposta na arte como possibilidade de abertura da carne, do corpo atravessado por memórias, por sensações, por afetos...esse corpo pode fazer travessias inventivas e criar novos sentidos, novos processos de subjetivação, possibilitando com que a arte seja potencializada pela vida em sua maior potência criativa, uma clínica poética. Para que o corpo não sucumba ao real dogmático, a arte produz o real, fazendo mundos possíveis. Assim, esses dois corpos se autoconduzem por meio de processos de criação, elaborando gestos de si.... Que outros corpos entrem nessa travessia...

Referências

- BARRENECHEA. M.A, *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- BRITO, M. R. de, *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza-philosophie pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 2014.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FOUCAULT. M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- JACOPINI, Juliano Rice. *Corpografia: indícios de criação para o ator-dramaturgo*. In: IX CONGRESSO DA ABRACE. 9. 2016. Campinas: UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. *Anais*. p. 1543-1560.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Além do Bem e do Mal*. tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Fragmentos póstumos Friedrich Nietzsche*. *Trans/Form/Ação*. Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia, v. 13, p. 139-145, 1990.